

Há um “Materialismo Vygotskyano?” Preocupações ontológicas e epistemológicas para uma psicologia marxista contemporânea (Parte I)¹

Gisele Toassa

-de-fundo ante ao qual

Palavras-Chave: *Vygotsky, Materialismo, Psicologia e Marxismo, Epistemologia da*

No correr da acidentada publicação de Vygotsky no Leste e Oeste do mundo, duas perguntas têm sido feitas, particularmente pelos leitores críticos, da esquerda política: (1) estaria Vygotsky desenvolvendo uma psicologia marxista, e (2) qual seria o significado da proposta dele para uma psicologia marxista nos quatro sentidos básicos (ontológico, epistemológico, ético e político) de tal proposta?

Embora muitos venham escrevendo sobre tais questões (ver Veresov, 2005; Ratner, 1995; Joravsky, 1989; Leontiev, 1991; Shuare, 1990; Duarte, 2000), os leitores críticos não têm tratado de diversas questões filosóficas acerca da interpretação de Vygotsky sobre outros marxistas. Previamente, analisei as conexões entre Espinosa e Vygotsky pela via dos marxistas russos (Toassa, 2014), e, aqui, sustento que as reflexões vygotskyanas sobre o materialismo psicológico qualificam a sua perspectiva como uma nova forma de materialismo marxista. Embora inacabada, a psicologia de Vygotsky é uma abordagem marxista no sentido epistemológico, ético e político desse termo. Não obstante, para atingir essa ideia, é essencial realizar uma pesquisa substancial na história das ciências soviéticas em suas múltiplas transformações, bem como nas práticas científicas e público-alvo aos quais o autor se dirigiu (Yasnitsky, 2009).

Em termos metodológicos, realizo uma análise imanente que persevera no entendimento do quadro teórico da psicologia de Vigotski partindo de sua própria argumentação. Nessa direção, opõe-se à ideia de que Vygotsky *aplicou* o materialismo dialético à psicologia (tal como afirma Elhammouni, 2002), já que o autor contradiz explicitamente tal asserção (Vygotsky, 1991, p.389). Em minha perspectiva, tal “aplicação” tende a borrar importantes diferenças entre a obra de Vygotsky e outras psicologias marxistas (especialmente as mais devedoras da Teoria do Reflexo de Lenin, como a Teoria da Atividade de Leontiev ou Rubinshtein, ver Leontiev, 1978a;1978b; Parker, 1999). Essa defesa de uma “aplicação” negligencia importantes aspectos do marxismo criativo de Vygotsky em temas como objetividade psicológica, psique (espírito) e dualismo. Uma análise imanente deve avaliar a efetiva relação de Vygotsky com textos clássicos do marxismo.

¹ Tradução resumida do artigo “Is there a “Vygotskian Materialism”? Ontological and epistemological concerns for a contemporary Marxist Psychology”, publicado neste mesmo número do PsyAnima. A própria autora realizou a tradução, deixando de lado, no português, as notas de rodapé da versão em inglês.

Sobretudo, é importante lembrar o recorrente diagnóstico Vygotskyano, de que a relação entre marxismo e psicologia nunca fora feita partindo do ponto-de-vista da psicologia – tarefa imensa cuja realização é iniciada no texto “Significado [Sentido] Histórico da Crise na Psicologia” (que abrevio como SHCP daqui por diante)

Nesses dois artigos que apresento sobre o materialismo vygotskyano, procuro estudar o marxismo do autor em suas preocupações ontológicas e epistemológicas. Com o intuito de sustentar que Vygotsky desenvolveu uma forma singular de materialismo, pretendo sublinhar as similaridades e diferenças entre o trabalho dele e o de autores como Engels, Plekhanov, Lenin, Espinosa e outros. O compromisso é o de apoiar a construção de uma psicologia compromissada com um *ethos* socialista; a liberação dos oprimidos, a criação de um novo homem para uma nova sociedade (ver Vygotsky, 2003; Vygotski, 1991b; Yasnitsky, 2011). Isso significa que, por exemplo, há importantes implicações políticas em entender a consciência

- (1) de acordo com uma epistemologia mecânica, epifenômeno ou simples “reflexo da realidade objetiva” (como na perspectiva marxista-leninista, bem como em algumas seções do “Materialismo e Empiriocriticismo” de Lenin, no qual se defende a adequação à consciência “correta” assumida pela vanguarda comunista, ver Lenin, 1975).
- (2) como fenômeno, restrito à relação externa entre indivíduo e seu meio, ou em uma perspectiva mais ampla que abarca “aspectos psicofísicos” (ou seja, relações mente-corpo, a maioria das quais se implica nos afetos), ou como objeto empírico (de conhecimento) embebido no corpo, meio (*srieda*) e seu desenvolvimento, tal como reconheceu Vygotsky (1991;1987).

Em sua guerra contra o dualismo, interrompida pela tuberculose, ele hesitou entre diferentes objetos (epistemológicos) para a psicologia (como consciência, pessoa e personalidade). Esta hesitação tem criado percalços na compreensão da ontologia específica de Vygotsky, bem como as muitas outras razões que podem ter afastado seus leitores dos brilhantes comentários sobre materialismo (problemas nas edições, agendas contemporâneas para a Psicologia Histórico-cultural e da Atividade etc).

A longo prazo, defendo a importância das ideias vygotskyanas para discutir mudança social em uma conjuntura de desarranjo político da classe trabalhadora, que batalha por uma nova consciência, novos roteiros, e novas formas de organização política (Antunes & Alves, 2004). Entender o materialismo vygotskyano e desenvolver suas consequências práticas e teóricas para uma luta anticapitalista é um desafio mais amplo que a própria psicologia – e também compõe os esforços de avaliação do socialismo soviético.

Nesse sentido, faz-se necessário promover o encontro entre as ideias de Vygotsky e as necessidades dos movimentos sociais mundo afora. Como sugere D’Andrea, analisando os protestos no Brasil em 2013:

esta crise expressa um tipo reemergente de subjetividade revolucionária que, em contrapartida, está sendo alimentada pela disseminação das flexibilidades digitais no impulsionamento de um novo imaginário midiático. Embora algo singular, no caso brasileiro também ecoa a atual onda de protestos populares globais, provendo elementos que sugerem novas formas de mobilização popular em processo de construção (2014, p.935).

Este *primeiro artigo* analisa brevemente o cisma entre marxismo ocidental e oriental no que toca às ideias sobre ciências da natureza e da sociedade. Mais adiante, expõe as preocupações filosóficas de Vygotsky em seus primeiros trabalhos psicológicos (“Psicologia Pedagógica”, 1924, e “Psicologia da Arte”, 1925) e o SHCP. Comento suas argumentações

sobre o Marxismo e o objeto da psicologia junto ao *background* de suas influências filosóficas iniciais, especialmente Marx, Plekhanov e Espinosa.

O *segundo artigo* delinea problemas de edição e referências empregadas no SHCP, sendo fortemente concentrado na variedade de tópicos epistemológicos e ontológicos que Vygotsky apresentou acerca do objeto da psicologia, bem como a compreensão da consciência (experiência imediata, psique, mente) como sujeito histórico-natural – um processo/sistema *real* e em mudança contínua. A argumentação materialista do autor leva-o às espantosas conclusões de que se pode (1) compreender mesmo a consciência objetivamente; (2) há uma confusão entre espírito e subjetividade – e esta última não é o objeto da psicologia.

Questões Ontológicas e Epistemológicas para a Psicologia (e Como Elas Aparecem nos Primeiros Trabalhos Psicológicos de Vygotsky)

A palavra *Psicologia* pode se referir a um objeto epistemológico, a um campo temático, uma disciplina ou uma profissão (Teo, 2009). Sublinhando a situação da Psicologia como um *epistémion*, o autor explica três grupos de preocupações para as quais se deve atentar ao falar sobre as fundações problemáticas da Psicologia –

epistémion A dimensão ontológica da Psicologia refere-se ao estudo do Ser, ou das características fundamentais da realidade. Essas preocupações envolvem questões sobre características específicas do objeto da Psicologia (seu objeto de conhecimento): ele é a consciência, subjetividade, personalidade ou comportamento? Como podemos compreender o problema mente-corpo no interior desse objeto? Quais teorias sobre a natureza humana subjazem ao desenvolvimento de uma Psicologia Histórico-cultural? E devo acrescentar: é a Psicologia uma ciência natural, social ou de outra ordem, intermediária entre esses campos, ou nenhuma das anteriores?

Tipicamente, preocupações epistemológicas requerem reflexões sobre a natureza do conhecimento e caminhos para obtê-lo. Ontologia e epistemologia são, na prática, interconectadas. Afirmações ontológicas têm consequências epistemológicas e metodológicas (Teo, 2009), a despeito de ignoradas pela psicologia hegemônica, e esta é uma razão para se afirmar que a psicologia é um campo problemático. Entretanto, como reconhecido por muitos (Danziger, 1994;1997; Parker, 1989; Smith, 2005; Figueiredo, 2010; Teo, 2009; Fox, Prilleltensky, & Austin, 2009), suas noções filosóficas são implícitas, não baseadas em uma argumentação crítica feita pelos próprios pesquisadores e apenas fazem total sentido quando mergulhadas na cultura e sociedade nas quais se desenvolveram. Hacking (1995) defende que “conceitos de comportamento, ato ou temperamento são formulados na expectativa de intervenções futuras ou imediatas nas vidas dos indivíduos” (p.351). Todos os conceitos sobre humanos têm propósitos práticos, mesmo quando teóricos – Danziger (1990), em uma crítica da Psicologia como “ciência natural” positivista, considera que as Psicologias, mais do que ser especulativas, interagem com a sociedade para amealhar benfeitores, clientes, financiamento público e muitas outras fontes de poder político.

Natureza, Partidarismo e Sociedade Sob a Bandeira do Marxismo

Quando o assunto é Vygotsky, deve-se observar que uma “tarefa-mor” da Ditadura do Proletariado, especialmente após a vitória dos bolcheviques na Guerra Civil (1918-1921), foi criar uma nova sociedade. O enorme Império Russo, com suas paisagens de Natureza selvagem, estava pronto a ser transformado não por um homem, mas pelo povo russo em seu próprio benefício. Para atingir essa meta, era indispensável desenvolver um novo elenco de

ciências proletárias, especialmente após o Decreto “Sobre a Importância do Materialismo Militante” 1922, see Lenin, 1972), o qual impulsionou a *intelligentsia* a lutar pelo Materialismo em todos os campos de conhecimento (van der Veer & Valsiner, 2001). Ainda, de acordo com o partidário leniniano, a busca por um conhecimento proletário não deveria ser diretamente controlada pelo Partido (Joravsky, 1961).

De forma oposta à estrutura das ciências ocidentais que – grosso modo – separou ciências humanas e naturais (aspecto que influenciou Wundt na criação de duas psicologias, a Fisiológica e a dos Povos, ver Araujo, 2006), Marxistas Russos tentaram trazer todas as ciências sob o guarda-chuva Marxista – ou *sob a Bandeira do Marxismo*. Como percebeu Marcuse (1958), os princípios marxistas precisavam transformar as instituições-chave e seus objetivos, que deveriam encaixar-se em uma nova sociedade. Essas ideias inseriram-se em uma dinâmica histórica que superava as intenções da liderança e à qual elas próprias podiam sucumbir.

Poucas palavras devem ser ditas em justificativa de tal abordagem. A teoria marxiana propõe-se a ser essencialmente uma nova filosofia, substancialmente distinta da principal tradição da filosofia Ocidental. O Marxismo defende contemplar esta tradição pela passagem da ideologia à realidade, da interpretação filosófica para a ação política. Por este motivo, o Marxismo redefine não apenas as principais categorias e modos de pensamento, mas também a dimensão de sua verificação; sua validade está para ser determinada pela situação histórica e a ação do proletariado (Marcuse, 1958, p.9).

Este era o contexto histórico em que as diferenças ontológicas, epistemológicas e éticas entre a psicologia vygotskyana e a psicologia clássica alemã começou a se formar. Um “cisma” entre Marxismo Ocidental e Oriental começou a evoluir especialmente após as revoluções comunistas (ver Hunt, 2009; Marcuse, 1958, e Foster, 2013). A discordância principal foi: o materialismo dialético deveria ser aplicado somente ao domínio humano – sociedade e história – ou também à natureza e às ciências naturais? O clássico argumento de Lukács no “História e Consciência de Classe” (ver Foster, 2013; Royale, 2014) é de que Engels, na inacabada “Dialética da Natureza” (Engels, 1979), seguiu a pista errônea de Hegel ao aplicar a dialética à natureza. Como observa Foster:

Seria difícil exagerar a importância dessa limitação para o Marxismo Ocidental, que a viu como um dos elementos-chave de separação entre Marx e Engels e do Marxismo Ocidental daquele da Segunda e Terceira Internacionais. Isso anunciava uma linha de fuga da preocupação direta com questões da natureza material e ciência natural que caracterizou muito do pensamento marxiano até aquele ponto (2013, p.2).

Entretanto, embora Marx tenha escrito menos sobre ciências naturais do que Engels, isso se deveu mais ao respeito para com este. O “segundo violino” do marxismo havia estudado ciências naturais mais do que Marx e eles não discordavam nessa temática (ver Hunt, 2009, e Joravsky, 1961). Ainda, de acordo com muitos acadêmicos ocidentais (Foster, 2013), Engels equiparou leis sociais a leis naturais objetivas, alimentando um materialismo mecânico que rapidamente degenerou em um discurso stalinista marcado por umas poucas ideias acerca do “Materialismo Histórico” e do “Materialismo Dialético” (distinção primeiramente realizada por Plekhanov, de acordo com Hunt, 2009). Entretanto, a perspectiva de Stálin tornou-se hegemônica no Marxismo Soviético apenas após a Grande Quebra (1929-1932, ver Todes & Krementsov, 2010), quando a União Soviética também levou o “materialismo vulgar” staliniano para as mencionadas Internacionais, influenciando – na maioria das vezes, não positivamente – os movimentos proletários mundo afora (ver Marcuse, 1958; Deutscher, 1970).

O materialismo mecânico de Stálin marcou o fim de uma era favorável ao partidarismo leninista nas ciências. Estava longe de expressar a variedade de comentários que pulularam na filosofia das ciências soviéticas, relacionados às discussões de Espinosa, Hegel, Marx e Engels (bem como Plekhanov e Lenin como intérpretes daqueles) com respeito ao desenvolvimento de um materialismo (Maidansky, 2003). Focando no Círculo de Vygotsky, Yasnitsky (2009, p.45) identifica, durante os anos 1920, uma estrutura em quatro camadas de

abordagem gradualmente mais holística e integrativa. A “Psicologia Pedagógica” confunde a muitos. Embora clame, inicialmente, por uma leitura nova da velha Psicologia através da ciência dos reflexos condicionados, uma análise integrativa das , mergulhada na reactologia de Kornilov, era mais importante que a noção de *reflexo* (Toassa, 2013). Como podemos ler abaixo:

O conceito de reação ajuda a incorporar o comportamento humano à longa série de adaptação do movimento biológico de todos os organismos, do mais baixo para o mais elevado; [ajudando-nos] a conectá-lo aos fundamentos da vida orgânica na terra, descobrir os prospectos ilimitados para o estudo da evolução e considerar o aspecto biológico do comportamento de modo mais amplo. (Vygotsky, 2003, p.49)

Vygotsky argumenta que o reflexo é um conceito estritamente fisiológico; mas uma reação é conceito biológico mais amplo. É difícil precisar as fontes desse holismo inicial. Como argumenta Veresov (2005), a orientação filosófica de Vygotsky foi mais ampla que o Marxismo e sua primeira tentativa de desenvolver um marxismo filosófico como uma ciência monista e materialista foi mais Pavloviana que verdadeiramente baseada em uma ontologia e epistemologia marxistas. Através de uma análise de referências e sua disposição na “Psicologia Pedagógica”, é possível identificar dispersão e ecletismo. Engels e Plekhanov, tão importantes para o SHCP, ainda não são citados.

Entretanto, pupilos de Vygotsky sustentaram que ele estudara Marx, Engels e Plekhanov mesmo antes da Revolução (Joravsky, 1989). A despeito de não citar Plekhanov na “Psicologia Pedagógica”, um pensamento plekhanovista é desenvolvido na “Psicologia da Arte” (composta majoritariamente entre 1917 e 1924, época também da “Psicologia Pedagógica”, ver datas em Veresov, 1999; van der Veer & Valsiner, 2001). Os “Problemas Fundamentais do Marxismo” de Plekhanov (1908/1969; citado no SHCP) são cruciais para a “Psicologia da Arte”, e podem ter sido uma fonte para seu monismo precoce.

Em suas memórias, Luria (1992) relata que, quando um grupo de pesquisadores interessados em construir uma Psicologia Marxista formou-se ao redor de Vygotsky a partir de 1924, o Bielorusso mudou o foco deles de Höfding e outros para o estudo do “Capital” de Marx. Outras evidências confirmam o relato luriano: uma ideia bastante popular do Capital foi emprestada por Vygotsky (1999b;2003): “desde o princípio, a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colmeia. Desde o início, a construção já estava feita em sua cabeça” (Vygotsky, 2003, p.256). Esta breve afirmação sublinhou a correspondência entre a realidade objetiva e a consciência humana, embora não trouxesse consequências filosóficas mais profundas para a estrutura do livro.

Reflexões posteriores em 1925 (Vygotsky, 1999b) criticaram o dualismo trazendo à baila uma preocupação ontológica sobre o objeto de conhecimento da Psicologia – como ciência da consciência *ou* comportamento. A “analogia do arquiteto” mostra a unidade entre planejamento e ação. Como afirma Joravsky: “Ele estava procurando um entendimento unificado dos seres humanos como objetos naturais com mentes conscientes” (1989, p.261).

Em defesa de uma leitura Marxista da psicologia de Vygotsky, Elhammouni defende, a partir de um comentário casual daquele na “Psicologia Pedagógica”, que as “ são a unidade de análise apropriada dos fenômenos mentais humanos” (p.89). Embora provendo um conceito familiar aos leitores da crítica da economia política marxiana, penso que essa interpretação de Elhammouni negligenciou que a “Psicologia Pedagógica” foi escrita antes da concepção do método de análise por unidades (datado por Veresov, 1999, p.227), o qual assinalou um materialismo psicológico mais desenvolvido com a Psicologia Histórico-cultural de Vygotsky, de 1927 em diante.

Em minha perspectiva, o “broto filosófico” marxista mais importante para a “Psicologia Pedagógica” está na página 40, apresentando outras ideias que o autor não nega,

mas sim desenvolve, posteriormente. Lá, argumenta-se que a Psicologia tinha que ser *materialista* (escrutinando o comportamento humano como uma série de movimentos e reações com todas as propriedades de um ser material, social); seu método, *objetivo* (baseado em fontes verificáveis) e (conectando comportamento social com outros processos internos ao organismo, sujeito a leis naturais em geral).

Em acréscimo a Marx e Plekhanov, é válido mencionar que Vygotsky certamente conhecia Espinosa em meados dos anos 1920. Alguns consideraram Espinosa como filósofo favorito de Vygotsky (Leontiev, 1991; Joravsky, 1989). É fato que Plekhanov, o pai do Marxismo Russo, também começou a desenvolver uma tradição marxista simpática a Espinosa (Kline, 1952), continuada por Deborin.

a despeito das intenções vygotksyanas de realizar uma apropriação crítica de Espinosa, os raros comentários sobre o filósofo envolvem questões éticas e epistemológicas de grande importância para a função de uma nova psicologia materialista. Questões como: que é a natureza humana? É possível imaginar um modelo alternativo para ela? Como modificá-la? Espinosa certamente podia auxiliar no desenvolvimento do conhecimento e domínio das próprias paixões. Em minha perspectiva, essas preocupações estão ausentes da filosofia deboriniana, embora isso não possa se confirmar sem se analisar mais do trabalho de Deborin – que escreveu ao menos três artigos sobre Espinosa (Toassa, 2014).

O pensamento de Plekhanov, como afirma Allen (1969): “estava tão comprometido com o estabelecimento do Marxismo como uma filosofia – contra aqueles o enxergavam apenas como história, economia e política – que enfatizou as continuidades do pensamento materialista sem uma completa avaliação crítica do materialismo antes de Marx” (p.13). Esta ideia certamente se aplica à análise de Feuerbach e Spinoza por Plekhanov (1969), que Vygotsky aproveitou em um livro mergulhado na crucial argumentação vygotksyana sobre matéria e consciência, mente e corpo (o SHCP).

A “Psicologia da Arte” (ao menos parcialmente composta no período de Gomel, entre 1917-1924, ver Veresov, 1999) começa com Espinosa:

Até agora, ninguém estabeleceu os limites para os poderes do corpo... Mas, deve ser observado, é impossível que apenas das leis da natureza considerada como substância extensa, nós possamos ser capazes de deduzir as causas de prédios, quadros, e coisas deste tipo que são produzidos apenas pela arte humana; nem seria o corpo humano, exceto se determinado e conduzido pela mente, ser capaz de construir um só templo. Entretanto, acabo de apontar que não se sabe os limites das forças humanas, ou afirmar que eles podem ser derivados apenas da consideração de sua própria natureza. (Espinosa, citado por Veresov, 1999, p.90)

Essa epígrafe espinosana mostra a centralidade das reflexões de Vygotsky sobre o corpo. Entretanto, o autor sinaliza persistentes preocupações acerca de como as emoções têm uma expressão central e periférica. A reação, como um conceito psicofísico, também aparece como objeto da “Psicologia da Arte”. Este Vygotsky “reactológico” preocupa-se com a como objeto da “Psicologia da Arte”.

Uma ideia interessante era a de que mesmo sentimentos (como emoções/afetos percebidos), de uma perspectiva subjetiva, são parte da realidade. Ele sustenta a “lei da realidade dos sentimentos”, a qual, para mim, praticamente coincide com a noção espinosista de que corpo e mente (modos determinados do pensamento e da extensão) são reais como parte da Natureza ou Substância Única. Esta é a ideia central do monismo espinosano. Nas palavras de Vygotsky, funda-se aí o paradoxo da “realidade da experiência” em contraste com a da realidade em suas propriedades autônomas com respeito ao indivíduo; independente da consciência que experimenta o mundo ao seu redor:

Podemos ilustrar isto pelo exemplo a seguir: se à noite nós confundimos um sobretudo pendurado em nossa sala com uma pessoa, nosso erro é óbvio, a experiência é falsa e esvaziada de conteúdo real. Mas o sentimento de medo experimentado no instante em que o casaco foi visto é bem real. Isso significa que, essencialmente, todas as nossas experiências fantásticas têm lugar em uma base emocional completamente real (Vygotsky, 1971, Chapter 9)

Considerações Finais

É notável que, lidando com o tema do objeto da psicologia na obra de Vygotsky, os comentadores tendam a sublinhar as ideias sobre consciência como relação ente o indivíduo e seu meio (também a perspectiva marxista mais tradicional sobre o tema, como vemos em Plekhanov, 1969; Engels, 1979; Lenin, 1975). Prevalece a pesquisa sobre processos cognitivos em detrimento, por exemplo, da psicologia da arte (ver Joravsky, 1989), e os leitores de Vygotsky tendem a negligenciar a sua argumentação filosófica sobre a realidade e natureza, ou seja, sua . O intelectualismo cognitivista é mais forte que o do próprio Vygotsky – que persistiu no caminho de um racionalismo marxista, não de uma perspectiva cognitivista como seus mais tradicionais intérpretes ocidentais. Ele nunca deixou de lado as conexões entre corpo e mente (o “problema psicofísico”) como sendo parte crucial de uma psicologia materialista. O objetivo de desenvolver uma psicologia da arte epistemologicamente objetiva e ainda ampla o suficiente para admitir e analisar a realidade dos sentimentos em uma perspectiva marxista foi alimentado ao menos de 1925 a 1933 (ver Vygotsky, 1999a).

Na “Psicologia Pedagógica” e na “Psicologia da Arte”, o autor não discute mais extensivamente a relação entre matéria e consciência. É válido afirmar que o trabalho, como condição ontológica para gênese do ser social, tampouco tenha sido sistematicamente debatido em ambos os livros. Entretanto, tal conceito desempenha um papel essencial em suas visões sobre a ciência como processo histórico-natural, como devo argumentar na segunda parte da presente análise: as fontes marxistas e ideias do SHCP, seu mais abrangente manuscrito para a remodelação da Psicologia no interior de outras ciências e do Marxismo são consideravelmente diferentes com relação aos textos aqui analisados.

Agradecimentos

Agradeço a Thomas Teo e Mikhail Munipov pela leitura de rascunhos prévios deste trabalho em duas partes, bem como ao Editor, Boris Meshcheryakov, pelas sugestões e aceite deste artigo.

Financiamento

Esta pesquisa foi contemplada pelo programa de Estágio Pós-doutoral no Exterior da CAPES (Coordenação para o Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior), Ministério da Educação, Brasil.

Referências:

- Allen, J.S. (1969). In Plekhanov, G. *Fundamental problems of marxism*. New York: International Publishers, pp.7-17.
- Antunes, R., & Alves, G. (2004). As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. , 25(87), 335-351.

- Araujo, S. D. F. (2006). Wilhelm Wundt e o estudo da experiência imediata. In A. M., Jacó-Vilela, A. A. L.Ferreira, & F. T.Portugal, (Eds.). (2008). *percursos*. Rio de Janeiro: Nau, pp.93-104.
- Chauí, M. de S. (1999). . São Paulo: Editora Companhia das Letras.
- D'Andrea, A. (2014). 2013 Protests in Brazil: The Kite and the Byte in New Forms of Popular Mobilization. *Anthropological Quarterly*, 87(3), 935-942.
- Danziger, K. (1994). *Constructing the subject: Historical origins of psychological research*. Cambridge University Press.
- Danziger, K. (1997). *Naming the mind: How psychology found its language*. Sage.
- Deutscher, I. (1970). (Vol. 2). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Duarte, N. (2000). A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco: a dialética em Vigotski e em Marx e a questão do saber objetivo na educação escolar. , XXI(71), 79-115.
- Edgley, R. (1991). Dialectical materialism. In T. Bottomore (Ed.) *A dictionary of Marxist thought*. Blackwell Publishers. p.142-143.
- Elhammoumi, M. (2002). To create psychology's own capital. *Journal for the theory of social behaviour*, 32(1), 89-104.
- Engels, F. (1979). (3rd ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Figueiredo, L.C.M. (2010). Epistemologia, História, e além: reflexões sobre uma trajetória pessoal. , 30(spe), 140-148.
- Foster, J.B. (2013). Marx and the Rift in the Universal Metabolism of Nature. *Monthly Review*, 65(7), 1-19.
- Fox, D., Prilleltensky, I., & Austin, S. (Eds.). (2009). *Critical psychology: An introduction*. 2nd ed. Sage. pp.3-19.
- Goertzen, J. R. (2008). On the Possibility of Unification The Reality and Nature of the Crisis in Psychology. *Theory & Psychology*, 18(6), 829-852.
- Hacking, I. (1995). The looping effects of human kinds. In Premack, A. (Ed.) *Causal cognition: A multidisciplinary debate* (pp.351-394). Oxford: Clarendon.
- Hunt, T. (2010). *Marx's general: the revolutionary life of Friedrich Engels*. Macmillan.
- Joravsky, D. (1961). *Soviet Marxism and Natural Science: 1917-1932*. Routledge.
- Joravsky, D. (1989). *Russian psychology: A critical history*. Cambridge, MA: Blackwell.
- Kline, G. (1952) *Spinoza in Soviet Philosophy: A Series of Essays*. London: Routledge and Paul, pp. 90-119.
- Krementsov, N. (1997). *Stalinist science*. Princeton University Press.
- Lenin, V.I. (1975). *The Lenin Anthology*. New York: W.W. Norton & Company.
- Lenine, V.I. (1982). . Moscou/Lisboa: Progresso/Avante (Original published 1908).
- Leontiev, A.N. (1978a). *Actividad, consciencia y personalidad*. Buenos Aires: Ciencias del Hombre.
- Leontiev, A.N. (1978b). *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Horizonte Universitário.
- Leontiev, A.N. (1991). Artículo de introducción sobre el labor creador de L.S. Vygotski. In L.S. Vygotski. *Obras escogidas* (Vol. 1, pp.419-450). Madrid: Visor Distribuciones.
- Luria, A.R. (1992). . São Paulo: Ícone.

- Maidansky, A. (2003). The Russian Spinozists. *Studies in East European Thought*, 55(3), 199-216.
- Marcuse, H. (1985). *Soviet Marxism: A critical analysis*. Columbia University Press.
- Morfino, V. (2008). Causa sui or Wechselwirkung: Engels between Spinoza and Hegel. *Historical Materialism*, 16(1), 9-35.
- Parker, I. (1989). *The crisis in modern social psychology and how to end it*. Taylor & Frances/Routledge.
- Parker, I. (1999). Critical psychology: critical links. *Annual Review of Critical Psychology*, 1(1), 3-18.
- Plekhanov, G. (1969). *Fundamental problems of marxism*. New York: International Publishers. (Original published 1908)
- Plekhanov, G. (1976). *Bernstein and Materialism*. Retrieved from <http://www.marxists.org/archive/plekhanov/1898/07/bernsteinmat.html> (Original work published 1898).
- Ratner, C. (1995). *A psicologia da mente e do comportamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Rocha Lordelo da, L., & Tenório, R. M. (2010). A consciência na obra de L.S. Vigotski: análise do conceito e implicações para a Psicologia e a Educação. *Psicologia Escolar e Educacional*, 14(1), 79-86.
- Rocha Lordelo da, L. (2011). A crise na psicologia: análise da contribuição histórica e epistemológica de LS Vigotski. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(4), 537-544.
- Royale, C. (2014). Dialectics, nature and the dialectics of nature. *International Socialism*, 141. Retrieved from <http://isj.org.uk/dialectics-nature-and-the-dialectics-of-nature/>
- Shuare, M. (1990). *Psicologia da mente e do comportamento*. São Paulo: Progresso.
- Smith, R. (2005). The history of psychological categories. *Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences*, 36(1), 55-94.
- Spinoza, B. de. (2008). *Tratado de filosofia* (2nd ed.). São Paulo: Autêntica (Original published 1677).
- Teo, T. (2009). Philosophical concerns in critical psychology. In D. Fox, & I. Prilleltensky (Eds.), *Critical psychology: An introduction (2nd ed.)* (pp.36-53). London: Sage.
- Toassa, G. (2013). Certa unidade no sincrético: Considerações sobre educação, reeducação e formação de professores na “Psicologia Pedagógica” de LS Vygotsky. *Estudos de Psicologia*, 18(3), 497-505.
- Toassa, G. (2014). Creating a materialistic psychology – sources and influence of Spinoza in Vygotsky’s Works. *International Journal of Liberal Arts and Social Science* 2(5), 83-94.
- Todes, D., & Krementsov, N. (2010). Dialectical Materialism and Soviet Science in the 1920s and 1930s. In W. Leatherbarrow, & D. Offord (Eds.). *A History of Russian Thought*. Cambridge: Cambridge University Press.
- van der Veer, R., & Valsiner, J. (2001). *Understanding Vygotsky: A cultural-historical perspective*. São Paulo: Loyola/Unimarco.
- Veresov, N. N. (1999). *Undiscovered Vygotsky*. Lang.
- Veresov, N. N. (2005). Marxist and non-Marxist aspects of the cultural-historical psychology of LS Vygotsky. *Outlines. Critical Practice Studies*, 7(1), 31-49.
- Vygotsky, L.S. (1971). *The psychology of art*. Retrieved from <http://www.marxists.org/archive/vygotsky/works/1925/index.html> (Original text 1925).
- Vygotsky, L. S. (1982). Istoricheskij smysl psikhologicheskogo krizisa.

Metodologicheskoe issledovanie [Istorial meaning of the crisis in psychology. Methodological investigation]. In L. S. Vygotsky (Ed.), *Sobranie sochinenij* (Vol. 1, pp. 291-436). Moscow: Pedagogika. (Original work 1927)

Vygotsky, L.S. (1987). *The Historical Meaning of the Crisis in Psychology: A Methodological Investigation*. Retrieved from <https://www.marxists.org/archive/vygotsky/works/crisis/> (Translated by René van der Veer)

Vygotsky, L.S. (1991). El significado histórico de la crisis de la psicología. Una investigación metodológica. In *Obras escogidas* (Vol. 1, pp.259-407). Madrid: Visor. (Original work 1927)

Vygotsky, L.S. (1999a). The teaching about emotions. Historical-psychological studies. In *The Collected Works of L. S. Vygotsky* (Vol. 6, pp.71-235). New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers. (Original text 1933)

Vygotsky, L.S. (1999b). Consciousness as a problem in the psychology of behaviour. In Veresov, N.N. (1999). *Undiscovered Vygotsky*. Lang. pp. 256-281. (Original published 1925)

Vygotsky, L.S. (2001). *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes. (Original text 1925)

Vygotsky, L.S. (2003). . Porto Alegre: Artmed. (Original work 1924)

Yasnitsky, A. (2009). *Vygotsky Circle during the decade of 1931-1941: Toward an integrative science of mind, brain, and education*. PhD thesis, University of Toronto, Toronto.

Yasnitsky, A. (2011). O Vygotsky que nós (não) conhecemos: Os principais trabalhos de Vygotsky e a cronologia de sua composição. *Dubna Psychological Journal*, 4(4), 62-70.

Recebido: 04.05.2015

Informações sobre o autor

Gisele Toassa é psicóloga pela Universidade Estadual Paulista, com Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (2009). É Professora Adjunta da Universidade Federal de Goiás, onde atua no Programa de Mestrado em Psicologia. Realizou estágio pós-doutoral no *History and Theory of Psychology Program*, York University, com o auxílio de Thomas Teo.

E-mail: gtoassa@yahoo.com.br